

VII SEMANA NORTE-RIOGRANDENSE DE PSICOLOGIA**III JORNADA DE PSICOLOGIA DA UFRN:****ANAIS EXPERIÊNCIA EM
DEBATE****COMITE GESTOR:**

- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 17ª REGIÃO – CRP-17/RN
- CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

- Nilza Maria Molina Mendes
- Neuciane Gomes da Silva
- Fernando Joaquim da Silva
- Kelly da Silva Sarmento
- Magali Melo de Oliveira
- Maria das Graças Lima de Medeiros
- Mary linda Medeiros da Costa
- Rodrigo Costa Oliveira

COMISSÃO CIENTÍFICA:

- Eulália Maria Chaves Gomes
- Maria Albanisa da Silva
- Neuciane Gomes da Silva
- Nilza Maria Molina Mendes
- Sandra Maria de Vasconcelos Uchoa

COMISSÃO DE APOIO OPERACIONAL:

- Eudes Araújo Rocha
- Francileide de Carvalho Nobre
- Heloísa Karmelina Carvalho de Sousa
- Kairo Bezerra da Silva
- Kallyane Shirley de Souza
- Mariana Meira Pires Simonetti
- Priscilla Cristhina Bezerra de Araújo
- Régina Gonçalves de Melo
- Rosivaldo Rocha Rafael

AT.: Todos os resumos aqui contidos são de inteira responsabilidade de seus autores.

ED – 01 - PROJETO ABRIGUE-SE: INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS EM UM ABRIGO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE MACAÍBA/RN

ÁDALA NAYANA DE SOUSA MATA

*PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÍBA/RN – SECRETARIA DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL; 2ª VARA CÍVEL DA COMARCA DE MACAÍBA/RN – FAMÍLIA, INFÂNCIA E JUVENTUDE***Palavras-chave:** Abrigo, Intervenções psicossociais, convivência familiar e comunitária.**Tipo de |Trabalho:** Ação-intervenção**RESUMO**

A exposição de crianças e adolescentes a situações de risco pessoal e social, tais como a violência, o abandono e a exploração, causadas, principalmente, pelo aumento da pobreza e da exclusão social geram conseqüências profundas na trajetória de desenvolvimento desta população. Muitos têm sido vítimas das mais diversas formas de violência caracterizadas por experiências que acarretam no acúmulo de fatores de riscos, que acabam por inserir crianças e adolescentes em abrigo, prejudicando a personalidade do sujeito por seus efeitos negativos e indesejáveis no desenvolvimento. Desta forma, o Projeto Abrigue-se tem como objetivo implementar ações nos abrigos, a fim de oferecer atendimento psicológico às crianças e adolescentes abrigados, promovendo sua socialização, na tentativa de minimizar os efeitos negativos da institucionalização. Além disso, propiciar o reestabelecimento dos vínculos familiares ou a adoção, quando possível e necessária. Dentre as atividades realizadas, pode-se destacar: atendimentos individuais com as crianças e adolescentes; trabalho com a família de origem para o retorno das crianças ao ambiente familiar, sem a presença ou com a minimização de riscos; atendimento familiar; orientações aos genitores sobre a medida de abrigamento e o processo de desabrigamento; acompanhamento psicossocial para proceder medida de abrigamento de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade; orientações e esclarecimentos sobre a adoção; acompanhamento no período posterior ao desabrigamento, com vistas a facilitar o processo de retorno ao convívio familiar; participação em audiências; preparação de crianças para colocação em família substituta; intermediar a inserção das crianças / adolescentes abrigados em atividades junto à comunidade; elaboração de parecer. O trabalho é desenvolvido através de entrevistas; visitas domiciliares; oficinas; grupos terapêuticos e educativos; dinâmicas de grupo; orientação e aconselhamento psicológico; estudos de caso. Na vigência do Projeto aumentou o número de desabrigamentos, tanto para o retorno à família de origem, como para inserção em família substituta; e o tempo de permanência na instituição foi reduzido. O cumprimento destas atividades além de garantir os direitos à alimentação, ao vestuário, à moradia e à educação, atenta para as necessidades psicológicas, e de convívio familiar e social, como pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

ED – 02 – AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA VARA DE FAMÍLIA: DESAFIOS NA INTERFACE COM A ESFERA JURÍDICA

EVELINE SOARES BERNARDINO, MUNIQUE THERENSE COSTA DE MORAIS

*DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, UFRN, NATAL, RN, BRASIL)***Palavras-chave:** Vara de Família; Avaliação psicológica; Psicologia Jurídica**Tipo de Trabalho:** Ação-intervenção**RESUMO**

O trabalho refere-se a uma experiência de estágio no Setor Psicossocial das Varas de Família no qual foram realizadas avaliações psicológicas, requeridas em processos judiciais da 1ª Vara de Família, 2ª Vara de Família, 3ª Vara de Família, 4ª Vara de Família, 5ª Vara de Família e 6ª Vara de Família, todas da comarca de Natal. Além da 1ª e 2ª Vara de Família do Distrito Judiciário da Zona Norte e da Zona Sul, a 19ª e a 20ª Varas Cíveis, com processos de interdição e curatela, e mais recentemente o Juizado Especial de Violência contra a mulher. Esse trabalho tem por objetivo apresentar o setor e o trabalho aí realizado, compartilhar a experiência de inserção das estagiárias de psicologia na esfera jurídica, bem como refletir acerca do trabalho do psicólogo nesse campo. Durante o estágio cada estagiária realizou uma ou mais avaliações que consistiam em entrevistas ambas as partes do processo, bem como a pessoas ligadas, direta ou indiretamente, a disputa em tela. Além disso, fez-se necessária a execução de visitas domiciliares, institucionais, a uma escola, assim como entrevista a outros profissionais que estivessem em contato com alguma das partes do processo. Ao longo dos atendimentos mudanças foram sendo operadas na dinâmica, que permitiram o questionamento de atitudes antes arraigadas e possibilitaram a transformação de aspectos do contexto familiar. As estagiárias contavam ainda com momentos de supervisão, importantes para viabilizar um distanciamento necessário à reflexão sobre o encaminhamento da avaliação, bem como pensar os sentimentos advindos no momento da inserção na dinâmica do conflito; e momento de leitura e discussão de textos referentes as temáticas com as quais estavam tratando na avaliação. Ao todo o estágio teve duração de quatro meses tempo em que puderam se inserir na dinâmica do setor, conhecer as várias formas de trabalho que ali se encontram e estabelecer uma interface com profissionais de outras áreas, em especial assistentes sociais. Ao final dos atendimentos um relatório foi expedido ao juiz que requereu a avaliação e anexado ao processo como parte dos autos.

ED – 03 – PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE SOCIAL

DIEGO MACEDO GONÇALVES, PRISCILLA CRISTHINA BEZERRA DE ARAÚJO, NEUCIANE GOMES DA SILVA

GRUPO DE ESTUDOS: PSICOLOGIA E SAÚDE, DEPTO. DE PSICOLOGIA, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE, UFRN, NATAL, RN, BRASIL;

Palavras-chave: Ansiedade Social, Psicoterapia em grupo, Abordagem Cognitivo-Comportamental.

Tipo de Trabalho: Ação-intervenção

RESUMO

Na sociedade atual há um número persistente de pessoas que relatam serem tímidas. Geralmente apresentam dificuldades para se relacionar com outras pessoas ou temem pelas avaliações que os outros podem fazer ao seu respeito. No entanto, essa aparente timidez pode mascarar um problema com grave prejuízo à vida, o transtorno de ansiedade social. O DSM-IV define o transtorno de ansiedade social como um medo persistente de situações envolvendo interações sociais, desempenho social ou situações no qual há um julgamento potencial pelos outros. A psicologia vem avançando no tratamento dessa psicopatologia. Uma das abordagens que vêm apresentando um enfoque no tratamento da ansiedade social é a Psicoterapia Cognitivo-Comportamental (PCC). A PCC é uma intervenção terapêutica semi-estruturada, objetiva e orientada para metas, que aborda fatores cognitivos, emocionais e comportamentais, sobretudo no tratamento dos transtornos ansiedade e do humor. Programas de tratamento para ansiedade social geralmente parte de um número de ferramentas comuns, incluindo reestruturação cognitiva para alterar avaliação de ameaça; exposição, para reverter padrões de evitação; e, habilidades sociais treinando para melhorar a performance social. Claramente, esses componentes deverão afetar pontos chaves do modelo e como tais, deverá ser eficiente na redução da ansiedade social. Em Natal vem sendo realizado um tratamento psicológico de grupo para pessoas diagnosticadas com o transtorno de ansiedade social. Esse serviço está vinculado ao projeto de extensão "Atendimento em grupos na abordagem cognitivo-comportamental" cujo objetivo principal é o de atender a população que apresenta essa demanda. A partir do referencial teórico da abordagem Cognitivo-Comportamental, procura-se promover uma melhoria da qualidade de vida das pessoas atendidas nos grupos psicoterapêuticos, expandindo seus conhecimentos acerca da PCC, ampliando a utilização de suas técnicas e ainda, possibilita experiências práticas de alunos e psicólogos nessa abordagem. No momento está sendo realizado atendimento com o quarto grupo psicoterapêutico. As sessões acontecem no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da UFRN e a demanda por atendimento cresce gradativamente a cada ano. Nos três grupos já finalizados, foram realizadas 12 sessões em cada e é essa a previsão para o grupo em andamento. Em termos terapêuticos, muitos benefícios foram observados pelos terapeutas nos pacientes que permanecem até o final do grupo. Entre os benefícios pode-se citar: aprenderam a lidar melhor com as dificuldades acarretadas por apresentarem ansiedade social, a pensarem de forma mais positiva sobre os problemas enfrentados, melhoraram sua auto-estima e sua auto-eficácia, apresentaram comportamento mais assertivo e desenvolveram suas habilidades sociais. Em relação aos benefícios observados pelos pacientes, estes relatam mudanças positivas em suas vidas, como uma maior autonomia na resolução dos seus

VII SEMANA NORTE-RIOGRANDENSE DE PSICOLOGIA**III JORNADA DE PSICOLOGIA DA UFRN:****“A Psicologia no RN: da formação à atuação, uma construção coletiva”**

26 a 29 de AGOSTO de 2008 – Campus da UFRN - NATAL/RN

problemas, diminuição da ansiedade em situações que antes eram incômodas, melhoras qualitativa de vida, que incluem uma melhor expressividade emocional, e assertividade. Os muitos benefícios observados nos pacientes que aderem ao tratamento demonstram o quanto a Psicoterapia Cognitivo Comportamental pode ajudar no tratamento desse transtorno que dificulta a vida de tantas pessoas.

ED – 04 – O “NÃO-FAZER”: APRENDENDO A SUSTENTAR UM FAZER QUE NÃO É NOSSO, MAS SIM DO SUJEITO.

FERNANDA HOLANDA FERNANDES, JIVAGO BARBALHO DE MACEDO, DIOGO FARIA MELO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, UFRN, NATAL, RN, BRASIL

Palavras-chave: Saúde Mental, psicanálise, compreensão.

Tipo de Trabalho: Ação-intervenção

RESUMO

O nosso “Como faço...” foi explorado dentro do âmbito de um projeto de extensão realizado no CAPS-i II (Centro de Atenção Psicossocial Infantil) sob a supervisão da prof^o Suely Alencar Rocha de Holanda. Tal projeto tem como objetivo contribuir com a equipe do CAPS-i II em sua missão de acolher, tratar e acompanhar as crianças e adolescentes com transtornos mentais graves, aliviando seu sofrimento psíquico; Oportunizar aos discentes uma apreensão crítica e engajada das demandas desse serviço; Bem como levar os discentes a conhecerem os aspectos fundamentais da inserção profissional numa rede de serviços de saúde mental; E promover junto a estes uma elaboração da experiência a partir dos referenciais teórico-clínicos da psicanálise.

Nossa inserção no serviço aconteceu nas Oficinas terapêuticas e lanches coletivos, além dos diálogos cotidianos nos corredores com os pais e usuários.

Esse trabalho foi construído a partir da soma de três experiências individuais, de forma a compor três etapas de uma experiência coletiva, o que só foi possível devido á supervisão realizada em grupo (na qual também participavam alunos do estágio curricular) em que as contribuições foram múltiplas e compartilhadas.

Assim, podemos sistematizar os extratos teóricos dessa aprendizagem em três etapas: A primeira em que se destacou a ansiedade em comparecer com um saber, quer seja compreendendo ou interpretando, acerca dos usuários; Uma segunda etapa em que ocorre uma mudança de posição em relação a um “saber-fazer” dentro do serviço, se tornando mais consciente dos riscos de assumir uma posição de saber em relação aos usuários; E por fim, uma última etapa em que nos damos conta de que o fazer psicanalítico não exclui a interpretação, que comporta um saber teórico, entretanto, não se sustenta nela, não podendo privilegiá-la em detrimento da particularidade sujeito.

Concluimos que essa experiência foi extremamente significativa e a grande descoberta foi o encontro com a necessidade de suportar o não-senso. Uma vez que embora seja imprescindível dar forma as experiências vividas no CAPSI, logificá-las, ver em que medida podemos delas extrair algo abordado na teoria, não é através disso que devemos almejar a compreensão. Mas antes pelo contrário, que os impasses, questionamentos e tentativas de aproximação entre prática e teoria sirvam para evidenciar a necessidade de se aprender a suportar a não-compreensão. Uma vez que esta é condição para se aproximar da particularidade do sujeito, abstendo-se de julgar, curar ou educá-lo possibilitando que ele possa reconstruir a sua história e se reposicionar subjetivamente na vida.